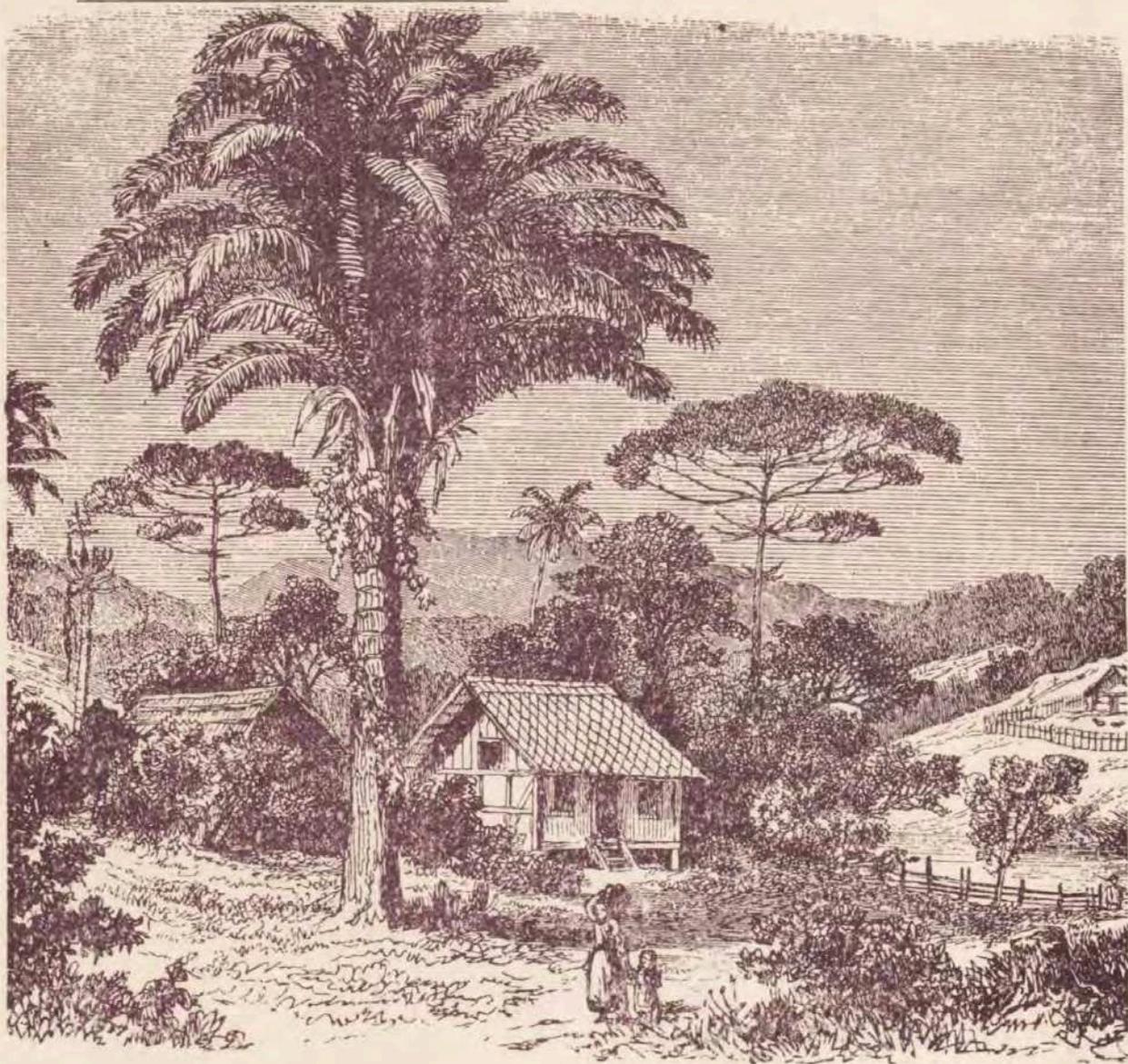


TAXA PAGA



# Blumenau em cadernos

TOMO XIII ★ NOVEMBRO DE 1972 ★ Nº. 11\*

CANTO DOS COOPERADORES

Esta publicação pode sobreviver graças  
à generosa contribuição dos seguintes  
cooperadores

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Tabacos Blumenau S/A.

Indústrias Têxteis Companhia Hering S/A.

Artex S/A.

Dr. Henrique Hacker - Blumenau

José Sanches Júnior - São Paulo

Prefeitura Municipal de Blumenau

Companhia de Cigarros Souza Cruz

Emprêsa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet - Blumenau

Banco Brasileiro de Descontos S/A.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Electro Aço Altona S/A.

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Fundação Teófilo Zadrozny

Felix Hauer - Curitiba

Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro

Fritz Kühnrich - Blumenau

# Blumenau

## em Cadernos

TOMO XIII

Novembro de 1972

Nº. 11

### DO MEU CADERNO DE RECORDAÇÕES

Ayres Gevaerd

## P E S A R

Não se encontra mais entre nós a figura simpática e benquista de Aldo Krieger, o Aldinho, falecido no dia 12 de outubro, em Florianópolis.

A notícia me entristeceu mas não me surpreendeu. Sabia-o doente, afastado por isso do seu Coral, o que o deixava, certamente, pesaroso, inconformado.

As pessoas de sua geração, ou melhor, as de seu tempo, jamais deixarão de reconhecer nesse brusquense, o talentoso músico, compositor, professor e regente. Um sentimentalista, sonhador, idealista, dedicado inteiramente à sua Arte.

E é sob este aspecto de sua personalidade, da participação que tive com ele em muitas promoções sociais e culturais, que escrevo esta crônica, propósito firmado no dia de seu sepultamento.

Um dia se contará sua vida artística iniciada na Banda Musical Concórdia por volta de 1914, quando o regente, Antônio Schwartz, confiou-lhe a caixa-tambor.

Mais de 50 anos correram então, culminando com a regencia da Associação Coral de Florianópolis, quando suas mãos, afastados os instrumentos, passaram a interpretar, com firmeza e harmonia, seu extraordinário talento.

A mais longínqua lembrança que guardo do Aldinho liga-se também ao tempo do cinema mudo; quando Rudolfo Krieger, João Schaefer e Carlos Gracher tiveram, simultaneamente, seus cinemas. Violinista, Aldinho era acompanhado por um ou dois violões e cavaquinho. Não raro, findas as sessões de cinema, o repertório continuava nas serenatas, até altas horas. Guardando respeitável distancia e silêncio, o grupo era seguido por outro, maior, que guardava os estojos dos instrumentos, opinava e sugeria determinada valsa ou mazurca. Naqueles tempos os moços tinham a denominação de rapazes, "rapaziada" quando em grupo e uma das características no vestir era a palheta e o colarrinho duro. Recordo algumas valsas: "Ametista", de meu saudoso tio Raymundo Bridon; "Dirce", "Rapaziada do Bráz", "Pic-nic trágico" e "Supremo Adeus".

Um dia, meu pai entendeu que eu possuía boa tendencia para a música. Comprou um violino e contratou o Aldinho para as lições. Residia o mestre em modesta casa situada na rua Luiz Betin Paes Leme, para a qual me dirigia duas vezes por semana, mais para ouvi-lo tocar violino e trocar impressões sobre livros de aventuras (Raffles, Nick Carter e Sherlok Holmes) do que para as lições. O traço artístico, para decepção de meu pai era curto e acabei por desistir.

Em 1929, por iniciativa de Aldinho, fundava-se o Jazz Band América, conjunto que em poucos anos conseguiu justificada fama em todo o Estado de Santa Catarina. Nós, os moços de então, tivemos, por uma década, tres notáveis conjuntos musicais para festas e bailes: Jazz Band América, Ideal Jazz Band, fundado por Victor Aldemar Gevaerd e a Banda Concórdia, esta exclusivamente para os bailes tradicionais da veterana Sociedade dos Atiradores.

A Sociedade Musical Concórdia fundou-se em 1942 na qual tive participação como fundador, secretário e presidente. Foi outra década de notáveis realizações notadamente Concertos e Retretas. O empenho de seu maestro, desde o primeiro dia foi de sacrificios. Além de dirigir de 25 a 35 músicos, Aldinho executava clarinete, cuidava do repertório, inclusive adaptava peças para determinados instrumentos e cuidava do instrumental por ele mesmo escolhido em São Paulo.

Esta "Concórdia", como a sua homônima do Passado, iria declinar lentamente e uma das causas foi a carencia de novos valores. Aldinho ainda tentou, anexando à "Concórdia", criar novos músicos através da instalação de uma Escola que denominou "Raymundo Bridon", homenagem ao seu querido mestre e amigo.

Hoje, sob outra denominação temos a Banda de Helmuth Kühn, contando com remanescentes da "Concórdia" e elementos novos, promissores.

Aldinho dirigiu ainda, par e passo com a "Concórdia", o Orfeão Evangélico e o Madrigal da Associação das Damas de Caridade.

Em 1951 frequentou o Curso de Férias em Terezopolis e em 1953

o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico do Rio de Janeiro. Acreditado que no decorrer desses Cursos idealizou a fundação do Conservatório de Música de Brusque, que se concretizou em 1954.

Participei discretamente da fundação do Conservatório e sabia das dificuldades de sua manutenção, das administrações, das contribuições, etc.

Houve seus grandes dias mas houve vicissitudes que o Maestro sofria, externando apelos nem sempre atendidos.

Vieram as grandes festas do centenário da fundação de Brusque que deram a Aldo Krieger, então encarregado da Sub Comissão dos Festivais Artísticos, novas oportunidades e realizações que o enalteciam. O lançamento do Hino do Centenário em memorável noite (4 de agosto de 1959), executado pela Banda da Polícia Militar do Estado e em seguida pelo Coral Mixto das Igrejas Católica e Evangélica, foi uma consagração. Dois Concertos, Vocal e Instrumental de música erudita e popular foram realizados em agosto de 1960, coroando de forma brilhante a programação artística do centenário. No último Concerto fiz entrega, ao Maestro, em nome da Comissão Central, de uma medalha de prata do Centenário.

Por ocasião do centenário e no período mais difícil do Conservatório, andamos as turras. Resmungamos cumprimentos, passageiros, mas jamais deixamos de cuidar, juntos, dos interesses culturais brusquenses.

Quando a dissolução parcial do Conservatório era fato consumado, Florianópolis chamou-o. Brusque, sob o aspecto cultural e também sob aspecto profissional, tinha entrado em fase difícil, fase que ainda persiste hoje, de forma grave, sem indícios de melhora. Perdemos e continuamos perdendo, muitos de nossos filhos, cujos conhecimentos estão aplicando lá fora. O maestro Aldo Krieger também foi, recebendo assim a consagração que realmente merecia.

Para mim, com o falecimento de Aldo Krieger, desapareceu, para sempre, a imagem de um período da cultura Musical brusquense, iniciada em 1910 e que teve entre outros expoentes Humberto Matioli, Victor A. Gevaerd, Primo Diegoli e Reinhard Graupner. Brusque dificilmente reviverá, tão cedo, a plenitude dos grandes dias proporcionados pela Sociedade Musical Concórdia, a Sociedade de Cantores, o Jazz Band América e Ideal Jazz Band.

E o Edino? Quando se contar a vida artística de Aldo Krieger, como homenagem à sua memória, contar-se à também a de seu filho, honra da Cultura Musical Brasileira.

Momentos antes do sepultamento do Maestro, fui cumprimentar outro Maestro Hélio Teixeira da Rosa. Tinha nas mãos uma partitura musical a ele dedicada por Aldinho e cuja execução o Coral de Florianópolis devia fazer durante a inumação.

Visivelmente emocionado, disse-me o novo Regente da Associação Coral de Florianópolis: «O professor Aldo Krieger construiu um grandioso Marco na História da Música de Santa Catarina.»

# Recordando o Passado

Eduardo Venera dos Santos

Voltando ao passado, retorno ao já citado sítio, em que nasci. Já o descrevi bastante, mas, fatos que ocorreram são muitos. Coisas que vão há mais de meio século, e que o tempo não fez esquecer, sendo sempre doce recordar.

Mais de um quilometro distante da pedreira, a que me referi no capítulo anterior, existe mais uma, com pedras de tom, onde existe uma de forma estranha, apoiada sobre tres outras, rente ao chão, de forma achatada e concava, de mais de tres metros de diametro, e que tem um som de sino, ao se bater com uma marreta, som este que se pode ouvir de muito longe, pois quando nós trabalhavamos no mato, ou nas roças mais distantes, ao meio dia servia de gongo, para chamar o pessoal para o rancho. Era muito admirada, por todos os visitantes do sítio.

Entre as muitas visitas, que constantemente recebiamos, tenho um tipo inesquecível, de nome José Felixa, conhecido por Zé Bulantin, parente remoto de meus avós, e que fora, na mocidade, um marinheiro que se gabava em dizer que conhecia todo o mundo, nas suas andanças quando embarcado. Contava ele que nasceu e se criou num circo, filho de Italianos Napolitanos, artistas, musicos e cantores, proprietários de um grande circo. Trabalhou de ajudante de um famoso mágico, (Mago Boulan) com quem adquiriu largos conhecimentos de magia; teve boa esco-

la e aprendeu muito de truques e habilidades de seu patrão, de nome Abexim, por ser da Abissinia. Em suas viagens pelo Mediterraneo, nos portos de Espanha, França, Itália, que dizia ser o país que mais gostara, e melhor conhecera, por ser italiano, contava coisas que nos deixavam boquiabertos, e que na minha mente de criança de então, ficaram profundamente gravadas. Falava muito de Barcelona, Marselha, Gênova, que meu pai gostava muito de ouvir, por ser a pátria de seus pais e avós, vindos de lá com muitos imigrantes, seus parentes, Pastorini, Sandri, Santini, meu avo chama-se Eduardo Venerari di Sancti. Falava de Nápoles, terra de seus familiares, dizia que todo napolitano era músico e cantor. Ele mesmo cantava lindas canções e era bom violeiro. Aos domingos, era dia de festa em nossa casa, pois acorria toda vizinhança para assistir suas peças e cantorias, onde eu, como seu assistente, recolhia alguns mil réis da assistencia, com seu chapéu de abas largas.

Bem, ele era, como já disse, um mágico; - engolia espadas, comia fogo, fazia coisas que os presentes nunca tinham visto. Além de mágico, entendia de Teurgia e Goécia, com seu Grimório, um livro de capa preta, com figuras estranhas e cheio de mistérios, escrito em italiano, continha rezas, mandingas, Exorcismos e conjuros, basta dizer que, certa vez, ele foi chamado para benzer uma novilha, de

um visinho, que tinha uma bicheira no umbigo, ela estava magra e quase não se aguentava de pé, com a língua de fora, não bebia nem comia há vários dias, afinal, mais morta do que viva, ele olhou para o animal, abriu seu Grimório, leu, leu, e em meia voz, pronunciou um exorcismo, em voz mantrica, melodia como se canta o Kirie Eleison, levantou a mão direita em direção do animal, e os bichos da bicheira iam caindo um a um, até o último, a novilha deu alguns passos, bebeu água e saiu pastando, em poucos dias estava completamente curada.

Ato contínuo, havia no mesmo sítio uma praga de lagartas, nas plantações de mandioca, e ele do mesmo modo, fazia toda a bicharada caírem ao chão, mortos. Com um assoviu esquisito e palavras

misteriosas, pronunciava OSSI OSA OSSI, fazia aproximarem-se dele, cobras dançando, que as apanhava com a maior naturalidade, como se fossem dominadas por sua presença, pegou certa vez uma enorme Caninana, muito grossa e comprida de mais de 3 metros, e a mesma se enrolava em seu pescoço e no corpo todo, lambendo seu rosto e suas mãos.

Tinha um cavalo enorme, de pelo alazão todo malhado, com a cabeça cor de pinhão e uma estrela branca na testa, comia brotos de taquára e folhas de palmito. Os arreios eram prateados e cheio de enfeites. Deu de presente ao meu pai um chicote de cabo prateado, que meu irmão Aleixo ainda o guarda com estimação. Assim como apareceu, assim também, desapareceu, nunca mais soubemos notícias dele.



O Mapa da Bacia do Itajaí, levantado por Heinrich Kreplin, em 1859, e de que há uma cópia no livro de J. J. Von Tschudi, «Reise durch Sued-Amerika», vol. III página 396, o atual Ribeirão Fidélis, afluente do Ribeirão Itoupava é designado por RIBEIRÃO CORONEL. Não teria sido, porventura, algum Coronel Fidélis que tenha dado nome ao mesmo pequeno curso d'água?



## Blumenau em Cadernos

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 10,00 —

Caixa Postal, 425 - 89100 - BLUMENAU - Santa Catarina - Brasil

# Estante Catarinense

Por CARLOS BRAGA MUELLER

CAMINHO DE PANDORGAS - Marcos Konder Reis - Editora de Brasília - 1972

Como o sub-título do livro revela, trata-se de uma série de "divagações líricas" do poeta nato que é Marcos Konder Reis.

Em duzentas páginas ele extravassa, de maneira singela, suas reações, surpresas, alegrias e tristezas, resultantes das andanças que fez pelo mundo.

Nas crônicas, todas curtas e a maioria encadeada entre si, sente-se, acima do narrador, a alma do poeta. Porque a tudo ele vê poeticamente.

Assim, percorremos a França, a Itália, a Inglaterra, o Brasil, a sua querida cidade natal, Itajaí; e Blumenau, além de outras cidades do vale do rio Itajaí-Açú.

E o que é importante: Konder Reis consegue transmitir ao seu leitor os sentimentos que lhe vão na alma. Ao ler-se o livro, sente-se alegria quando ele a descreve; tristeza quando ele a sente. Parece que o estamos acompanhando nas suas andanças.

Confirma o autor ser um comunicador por excelência. Coisa bastante rara na literatura, nestes últimos tempos.

ANTOLOGIA POÉTICA - Marcos Konder Reis - Editora Leitura

O autor, conforme se esclarece em nota inserta no início do livro, reuniu nesta antologia, poemas escritos no período de 1943 a 1959.

Em prosa e verso, os apreciadores do gênero encontram, nas páginas de "Antologia Poética", aquilo que de mais sensível brotou da mente imaginosa, fértil e, acima de tudo, sensível, de Marcos Konder Reis.

VIAGEM AO PORTUGAL DE EÇA DE QUEIROS - Paulo Malta Ferraz

Neste livro, o alagoano Paulo Malta Ferraz traz a lume muitas coisas novas sobre Eça de Queiros. Como por exemplo: houve época, em

Pernambuco, que se fabricou determinada marca de cigarro, dando-se-lhe o nome de Cigarros Eça de Queiros, em homenagem ao insigne escritor luso.

A dedicatória da obra é bastante original. Nada de dedicar o livro a sicrano ou a beltrano. Ferraz escreve apenas isso: «A velha maneira clássica das dedicatórias: aos admiradores de Eça de Queiros por todo este vasto mundo da língua portuguesa, o Autor oferece, dedica e consagra este trabalho».

Não fora apenas a contribuição magnífica que traz o livro para o estudo de Eça de Queiros, saboreamos, ainda, um prefácio do genial Agripino Grieco, o mais ferino e temido dos críticos literários brasileiros. E se Agripino dispusesse a prefaciar a obra, pode-se ter certeza: o livro tem valor.

Como destaca a Editoria, Ferraz, «tratando do velho, fez o novo. Conseguiu o milagre de não repetir». E não repetir fatos quando se escreve sobre uma personalidade que já teve vasculha da sua vida de todas as formas, é realmente uma atividade meritória.

Destaca-se, a título de curiosidade, que Paulo Malta Ferraz, entre suas obras publicadas, tem um título que interessa sobremaneira à literatura catarinense: «Apontamentos para a História da Colonização de Blumenau (1850-1860)», editado pelo Instituto Hans Staden de São Paulo, em 1949.



O «Morro Cortado», na estrada entre Itajaí e o Balneário Camboriú, era denominado, nos meados do século passado de «Morro da Lagoa», conforme se ve grafado no mapa da Bacia do Itajaí, levantado em 1859 pelo engenheiro H. Kreplin, um dos maiores conhecedores da região. O nome de «Morro Cortado» lhe veio após à abertura da «Estrada da Mamãe», conforme ficou conhecida a rodovia que o Presidente do Estado, Dr. Adolfo Konder, mandou abrir, pelo traçado do antigo caminho Desterro - São Francisco, de Florianópolis a Itajaí. E como Dona Adelaide Konder, mãe de Adolfo residisse em Itajaí e o presidente ia frequentemente visitá-la, a estrada que naquele tempo poderia ser considerada sumptuária, passou a ser apelidada de «Estrada da Mamãe».

## A PASSAGEM DO PADRE GUIDEZ, POR SANTA CATARINA, DURANTE A

### «QUESTÃO CHRISTIE» (1863)

A. A. DA LUZ

Num manuscrito, em bela caligrafia, em frances, «Petite Relation d'un Voyage au Brésil», (1) o Revdo Pe. Am. Guidez, disse que saiu de Southampton em 9 de março de 1863, rumo ao Rio Grande do Sul, e sobre Santa Catarina disse o seguinte:

«Nós paramos algumas horas na ilha de Santa Catarina, que se tem denominado, e a justo título, O Paraíso do Brasil». É um lugar de uma incomparável beleza. A pequena cidade do Desterro que domina a baía, olhando o continente, é suficientemente bem construída, ainda que não se faça nenhum comércio. Esta ilha está, entretanto, tão bem situada para o reabastecimento dos navios vindos do Oceano Pacífico para a Europa, que os ingleses a tem comumente cobijado e a tem querido comprar aos brasileiros. (2)

O Padre Amadeu Guidez aportou á Sta. Catarina nos dias da célebre «Questão Christie» que abalou as relações entre o Brasil e a então toda poderosa Inglaterra. Esta questão originara-se do naufrágio da barca inglesa "Prince Of Walles" (Príncipe de Gales) na costa meridional do Rio Grande do Sul e da sua posterior pilhagem pelos litoraneos; outro fato ocorrido no Rio de Janeiro (a prisão de oficiais ingleses da belonave "Ford", vestidos a paisana, por desrespeito a autoridade brasileira) agravava a situação, que foi

mal encaminhada pelo consul ingles em Porto Alegre e mal conduzida pelo ministro ingles no Rio, Sir William Christie. A Inglaterra exigiu uma reparação em dinheiro (recebeu depois, como indenização, 3.200 libras) e, em represália, prendeu navios mercantes brasileiros que se dirigiam para o Rio e fazia ainda mais ameaças.(3)

A ilha de Santa Catarina que já conhecia a prepotencia da marinhagem inglesa, e sabia do interesse comercial da Inglaterra por este, então, magnifico porto, temeu por seu futuro... Daí concentração de tropas na região e o protesto de grande massa popular, no Desterro, no dia 15/1/1863.

O Padre Guidez, nos dá, desta precaução e desta exaltação, o seu testemunho. Continuando sua narração diz: "Estes (os brasileiros), desconfiados da boa fé dos Ingleses, pensando que a questão que acabava de surgir entre o Brasil e a Inglaterra, teria bem podido dar a esta última potencia o desejo de se apoderar da ilha, tinham posto na ocasião de minha passagem uma guarnição de mil homens. Mas que soldados! Negros na maioria, pouco inteligentes, mal vestidos, eles não fariam, creio, nenhuma resistencia a um ataque sério. Um morador da cidade me assegurou que eles não estavam mesmo armados, não havendo no máximo senão um fuzil para tres homens. Em todo lugar onde eu

os ví, os soldados brasileiros me pareceram fazer uma triste figura. Diz-se entretanto, que não lhes falta coragem (e a guerra do Paraguai veio logo demonstrar isto...) e que, bem comandados eles formam uma excelente milícia. Qualquer que seja a natureza do país, será de longo tempo sua melhor defesa contra aqueles que estivessem tentados de o invadir. Não mais que a Rússia, graças a sua extensão e a seus invernos, o Brasil, com suas imensas e impenetráveis florestas, não poderia ser conquistada..”, concluiu o padre frances.

Ainda diz o seguinte: “Eu fui acolhido com a maior bondade possível em Santa Catarina, pelos dois padres Lazaristas franceses, que junto com as irmãs de Caridade (chegadas em 18-10-1856) servem no hospital (Hospital de Caridade) do Desterro. O Superior, o Padre Pader, quis fazer comigo uma pequena excursão nas montanhas(?) e nas matas, onde tive a ocasião de fazer conhecimento com uma multidão de vegetais e de flores de que eu tinha lido a descrição nos livros de história natural.

Estes bravos padres, após me terem dado uma hospitalidade frugal, mas generosa, quiseram me acompanhar a bordo, na minha partida. “Reembarcou o Padre

Guidez no navio brasileiro “Apa”, do qual não fez boas referencias: “Tanto tinha a louvar a comodidade do “Madalena” (o transatlantico no qual veio da Europa, até o Rio) e da urbanidade dos oficiais que comandavam este belo barco, tanto eu tinha de sofrer a sujeira e a falta de espaço deste desgraçado navio (Apa), assim como a rudeza e os processos pouco louváveis do seu comandante. Era um antigo pirata que, diz-se, tinha feito o tráfico dos negros antes da supressão deste infame comércio. É lá, sem dúvida, que ele tinha feito a escola da cortesia. Era um homem de figura sinistra e rebarbativa, de palavra seca, colérica, sacudida - o verdadeiro ideal dum pirata do mar”.

Foi visto o que nos deixou o viajante. Interessante, porque hoje ninguém imagina que a “Questão Christie” tivesse tido repercussão no Desterro . . .

---

(1) Da coleção Almeida Prado - Instituto Estudos Brasileiros - USP 4 a 23

(2) Isto é verdade, confirmada por outros, como por exemplo o viajante ingles, Mawe. E isto somente não se realizou, quando o Brasil se tornou independente, devido principalmente a oposição de José Bonifácio, “o Patriarca.”

(3) Sobre a prepotencia inglesa nos mares, veja-se “Blumenau em adernos”, tomo VIII, nº. 4, no artigo em que se conta o apresamento de mercadorias do Dr. Blumenau....



O mapa que o engenheiro Heinrich Kreplin levantou da Bacia do Itajaí Açú, em 1859, não havia ainda vestígios da atual cidade, sede do Município de Camboriú. A sede do Município de Nossa Senhora do Bom Sucesso de Camboriú ficava na Barra do Rio Camboriú (Hoje povoado da Barra), como vem assinalado no referido mapa. Este dá o nome do rio como sendo CAMBRIÚ GUASSU.

# A FABULOSA ILHA DE MARAJÓ

POR GUSTAVO KONDER

Bem na fóz, do caudaloso rio Amazonas, situa-se a fabulosa Ilha de Marajó, com uma superfície de 47.964 quilometros quadrados (justamente a metade da área do Estado de Santa Catarina). É uma das maiores ilhas do mundo e possui uma característica sócio-econômica, das mais interessantes, do extremo do nordeste brasileiro. Impressiona sobremodo aos turistas, quando viajam através da mesma. Nos seus pantanos encontram-se grandes manadas de búfalos, pois, além dos pantanos, existem também muitos lagos.

O gado é vigoroso e é, talvez, o maior recurso econômico explorado em terras marajoaras. Perfeitamente adaptado às condições climáticas e fisiográficas da grande ilha, desde o século passado, esse tipo bovino apresenta grandes vantagens sobre as outras raças, devido ao seu maior peso, carne excelente e notável resistência à varias doenças. É geralmente muito manso embora pareça o contrário devido ao seu aspecto.

A criação do búfalo é utilizada atualmente em centenas de grandes fazendas, alcançando milhares de cabeças. A exemplo de outras raças bovinas, do búfalo tudo se aproveita, sendo o seu couro de admirável resistência e durabilidade, enquanto que o leite é a base de alimentação de muitas famílias de criadores e é de máximo valor nutritivo, com elevado teor de açúcar e gordura.

Além do búfalo negro, de pelo espesso e peludo, que é o representante doméstico desse tipo, a ilha de Marajó possui enormes manadas selvagens do chamado búfalo rosideo (lustroso), uma das grandes atrações dos valentes ilhéus e, ultimamente também dos turistas amadores de caçadas.

Essa raça é caracterizada pelo pelo acinzentado, que é curto e escasso, grandes chifres em pontas aceradas, testa larga, porte agigantado e riscas horizontais na região peitoral. Existem búfalos selvagens em vários países da Ásia e da África, como por exemplo o búfalo aquático do Cabo (Sul da África), considerado um animal extremamente bravo e que é mais perigoso do que os hipopótamos e leopardos.

O lustroso marajoara é apontado como originário da Índia, diferindo das espécies do Velho Mundo devido à sua aclimação no Brasil. Os búfalos brasileiros são grandes amantes da água, vivendo sempre nos imensos pantanos misturados com as emaranhadas plantas aquáticas, das lagoas e dos igarapés, isto é, canais largos e alagados. Não raro, eles se aliam aos búfalos domésticos, acompanhando as manadas de criação. Quem sobrevoa de avião a dadivosa ilha, a pequena altura, pode descobri-los facilmente no seu "habitat", onde vivem despreocupados e livres.

O rosídeo é um dos animais mais perigosos e temidos, apresentando a sua caçada um esporte arriscado, mas muito usado ali, pondo á prova a admirável audácia da brava gente marajoara. A caçada começa durante a estação das chuvas, sendo que, os animais são perseguidos através dos pantanos, obrigando o caçador á passá-los, com água pela cintura, afim de tocaiar a presa. Uma vez isolado da manada, um bando de rosídeos, os animais são perseguidos, com risco de vida, pelos caçadores até que alcancem o seu arrojado objetivo.

Mas o caçador não abate o búfalo, pois o seu desejo, antes de tudo é fatiga-lo para depois, captura-lo á laço, com o fito de domesticá-lo, o que melhora a preservação constante das manadas selvagens e seu melhor aproveitamento economico. Domesticado, o rosídeo adapta-se facilmente ás fazendas, engordando rapidamente. Embora seja exclusivamente ao abate e á produção de leite, este último apenas para suprir o alimento das famílias dos vaqueiros, o búfalo é ensinado, desde pequeno, como montante, em virtude á sua resistencia ás doenças bem como a sua habilidade em caminhar com firmeza, léguas e léguas, pelos banhados traiçoeiros da ilha, mostrando um desafio á vida.

Atualmente muitas fazendas de gado, em todo o Brasil, fazem criações de búfalos, importados da Ilha de Marajó, cruzando-os com outras raças e obtendo resultados satisfatórios, como aconteceu no Paraná, segundo uma noticia publicada numa das revistas técnicas.

Há pouco tempo foram descobertas, bem ao norte do Estado de Amazonas, quase ás fronteiras das Guianas, manadas de búfalos selvagens, o que representa uma das riquezas do nosso abençoado Brasil.

O grande itajaiense e saudoso sr. Antonio Ramos foi o pioneiro a importar alguns búfalos para a sua fazenda, situada entre Cordeiros e Salseiros. Não posso afirmar se ainda existem por lá, porque nunca mais os avistei, depois do falecimento do referido conterrâneo, ocorrido há alguns anos atrás.

Outra dádiva natural da ilha marajoara é a típica pesca nas inumeras lagoas e igarapés, flanqueados por vigorosos renques de aningapara - planta de caule espesso e sumarento, com largas folhas cordiformes - ocultando-se as águas sob um tapete de nenufares e mururé, linda flor aquática de coloração violácea, e onde voam, em baixa altura, bandos de guarás (garças) de plumagem escarlata, e de vivazes colhereiros (aves de bico largo, semelhante a colher) imitando ageis esquadrilhas de aéreos-modelos.

À madrugada, os primeiros pescadores, rústicos e vigorosos, embarcam na sua comprida ubá (canoa indigena) e rumam ao centro de qualquer lagoa e depois, a maior parte dos pescadores (geralmente 7 ou 8 homens), se joga á água e monta nos grossos troncos de aninga (árvore amazonica), empunhando varas de ferro, com as quais fustigam as águas barrentas, impelindo assim para a rede os peixes assustados.

É impressionante a coragem dos caboclos, equilibrando-se em seus “cavalos de pau”, em qualquer lago, infestado de vorazes piranhas e, justamente esse tóque imprime à pesca um cunho típico e original.

Mais de tres horas dura a operação dos pescadores “equestres”, até que se enchesse a rede, em torno da qual se estabelece um cerco, sendo, depois colhidas as boias de cortiça, para fecha-la.

Antes estendida, por mais de 50 metros, ela é apertada aos poucos até cerrar-se num circulo. A essa altura, aparece o “calcador”. Este, um jovem de musculatura bronzada, calçado de botas toscas, feitas de camaras de ar, mergulha dentro da rede, em meio dos peixes, pisoteando-os de rijo, sem temer-lhes a dentuça afiada, afim de prevenir-lhes a fuga. Cerca de meia hora dura o perigoso exercicio, quando o “calcador” pula para dentro da ubá, iniciando-se em seguida a recolha da carga. As mancheias, os peixes são atirados para o fundo da canoa: gordas pescadas cor de madreperola, aracus estriados, apairis, anujás, tamuatás e piranhas, sem contar o interessante jiju, saboroso mostrengo que é capaz de voar sobre as águas, e seu hediondo companheiro, e anujá cinocéfalo - por isto mesmo também chamado de “cachorro de padre”.

Rende a pescaria mais de meia tonelada, retornando a terra os pescadores. Sob a sombra de uma frondosa árvore, são selecionados os peixes, cada qual segundo a sua espécie. Depois se atrela a ubá, com a carga, á cilha de dois robustos búfalos, que vadeam em pantanos durante mais de duas horas, até tocar em terreno firme, onde uma camioneta aguarda o produto da pesca. Transferida a carga para o transporte motorizado, arranca o veiculo através da planície, rumo a um braço do rio. E, ali, os peixes são baldeados para um barco-geleira, em demanda do Rio Amazonas, última etapa da viagem de mais de 8 horas, até Belém, para lá vender-se a carga, no famoso mercado de “Ver-o-Peso”.

O peixe é um dos alimentos preferidos pela população nordestina. Pescarias iguais são realizadas diariamente, em dezenas de lagoas e igarapés da Ilha de Marajó, onde o peixe é a grande fonte natural de riqueza, constituindo importante atividade dos marajoaras, quase todos exclusivos fornecedores do pescado à Belém, a pitoresca capital paraense, que se beneficia assim dessa dádiva natural, um verdadeiro presente de Deus!



A localidade de Moura, entre Tijucas e Nova Trento, foi a sede de uma colonia particular fundada por Manoel Floriano da Silva, em 1843. Tem esse nome porque fica situada à foz do Ribeirão do Moura. No começo de sua colonização era conhecida por Colonia Flor da Silva.

COMENTÁRIO SOBRE:  
**ENTRE A ENXADA E O MICROSCOPIO**

ARNALDO BRANDÃO

É o título da conferência que J. Ferreira da Silva pronunciou na Reunião da Academia Catarinense de Letras, realizada em Blumenau, a 17 de maio de 1971, no Salão de Atos da Biblioteca Pública Municipal "Dr. Fritz Müller", em que procura focalizar magistralmente, como tudo e em tudo que o autor se mete, a vida e a obra do sábio e colono Fritz Müller.

Procura J. Ferreira da Silva resumir em interessante palestra, o que foi o notável cientista blumenauense na sua infância e mocidade, até sua vinda para aquele município e os primeiros anos de roceiro, matando-se de sol a sol, nas derrubadas e plantações.

Relata-nos, que, simplesmente conhecido por Fritz Müller, entretanto seu nome completo era Johann Frederick Theodor Müller, nascido em 1822, na aldeia de Windischholzhausen, próxima a Erfurt.

Em oposição ao Dr. Hermann Blumenau, criado cristamente e que entendia que só alicerçado em princípios religiosos e morais poderia manter o estabelecimento que fundara, Fritz Müller, embora filho de um Pastor protestante, de família tradicionalmente apegada aos princípios da Reforma, aos severos hábitos da família alemã, era fanaticamente materialista e desde cedo banuiu de seu espírito toda crença no sobrenatu-

ral. Para ele, Deus era a Natureza. Só esta criava e transformava todas as coisas, a matéria e o pensamento, interdependentes e inseparáveis.

Ao mesmo tempo que estudava, Fritz ajudava o avo Tromsdorff e, após a morte deste, o tio, proprietário de uma farmácia e laboratório químico em Erfurt, onde, pouco depois, o futuro filósofo Hermann Blumenau também se empregaria como aprendiz.

E para que tenhamos em síntese a figura deste homem extraordinário vejamos sua trajetória pelo mundo dos livros, assim que pode abandonar a farmácia, para ingressar na Universidade. Em Berlim, estudou matemáticas e ciencias naturais. Destacou-se em Soologia Geral, em Elementos de Botanica, em Lógica e Metafisica, em Astronomia, em Anatomia, em Geometria Analítica, em Meteorologia e Climatologia. Na Universidade de Greiswald e em casa de seu professor Hornbusch, encontrou acolhida ajudando seu mestre a por em ordem sua extraordinária coleção de líquens.

E assim por dirnte, J. Ferreira da Silva, vai nos retratando a figura impressionante deste homem de ciencia que teve a glória suprema de ver seu trabalho a respeito das variadas espécies de crustáceos e moluscos ser aproveitado por Darwin e citado como

o primeiro sábio do mundo a manifestar-se com provas evidentes e irrecusáveis a respeito da teoria darwiniana da evolução das espécies pela seleção natural.

Esta pois, foi a figura incomparável deste cientista renomado, que vindo para Blumenau, atraído pelas impressões que lera em um livro escrito pelo antigo companheiro de farmácia e, que agora, reconhecido como colonizador de terras às margens do Ribeirão Garcia, nas proximidades do Itajai-Açu, na província de Santa Catarina, para aqui imigrou com seu irmão Augusto e sua mulher, e mais a esposa e filha, a bordo do veleiro "Florentin".

Até aqui, ficou inteiramente condensada, figura ilustre de Fritz Müller que J. Ferreira da Silva levou para sua conferencia e que obteve dos membros da Academia Catarinense os aplausos merecidos. Mas, deixemos de lado, um pouco a biografia do homem apontado e saboreemos o estilo do conferencista. Admiramos a veia literária de J. Ferreira da Silva, que não é só documentarista, pesquisador rigoroso, atrelado ao registro arcáico e quase indecifrável pelo passar dos anos, para encontrá-lo puro no que escreve, quase poético em suas estrofes maravilhosas, com as quais procura colorir a aridez de determinados assuntos. É desta forma que o vamos admirar quando nos pinta este quadro reluzente: "Lavou o rosto magro, passou as mãos pelos cabelos ralos e pos-se a fitar a mata próxima, onde um bando de monos, de pelo russo e longos cavanhaques, fazia infernal algazarra. Periquitos de cabecinhas vermelhas e inquietos, roiam as

bagas, amarelas e cheirosas dos araçás silvestres, enquanto, do fundo da mata, vinha o pio estridente do inambu cauteloso.

Era uma dessas manhãs de dezembro, cheias de sons e de vida, em que toda a natureza parecia em festa, exuberante e farta feliz na contemplação da obra realizada, de fecunda atividade. Os pássaros e as flores já haviam cumprido o destino de perpetuar-se na descendência gloriosa, e com os insetos e os animais todos, hauriam, na tranquila e morna quietude da paisagem, nova vida e novas forças, em meio a deslumbrantes de cores e de sons.

Os primeiros raios de sol, davam tons de verniz às flores roxas dos jacatirões, espalhados pelas elevações, para além do chão negro da última queimada, ainda coberto de cinzas, mas onde o mihlaral já despontava, de um verde profundo, carregado de promessas de abundancia. Fritz Müller contemplava tudo aquilo, sentindo-se a criatura mais feliz e mais livre deste mundo. Ali, nem mestres, nem parentes, nem amigos, ninguém lhe viria apontar regras e conveniências ditadas por uma sociedade, às mais das vezes hipócrita nas suas atitudes..." E assim por diante. Haverá coisa mais bonita do que este trecho que procuro transcrever com toda fidelidade? Não se parece em tudo, com algo escrito por Alencar ou com a exuberancia de Euclides da Cunha? Suntuosa aquarela que se nos é apresentada em toda pujança de cores, de sons e de vibrações do nosso sertão inexplorado. E este J. Ferreira da Silva que tanto conhecemos através de sua intensa batalha para confirmar a exatidão da fundação de Itajai.

Este homem autentico, pé-firme, que atira para cima de todos alfarrábios e documentos por todos desconhecidos. Duro no estilo e inflexível nas suas argumentações, quebra sua rigidez, para nos deliciar com uma conferencia saborosa que tem cheiro de mato e succulenta como uma carambola, inserindo páginas que são verdadeiros oasis, para daí a pouco nos aparecer de imediato, como documentarista perfeito, o que na realidade ele o é.

Mas avancemos na leitura da publicação da conferencia que o Autor teve a felicidade de me enviar para tanto me emocionar. Seria de minha parte egoismo imperdoável se não a desse ao conhecimento de meus leitores que não tiveram a ventura de assistir a conferencia ou de receber o livrete com a publicação da mesma.

Muito filme tenho assistido ultimamente que roda em torno da colonização de terras californianas, mexicanas e até da Austrália. Entretanto, a carta que Fritz Müller envia à sua irmã dileta, chamada Rozina, talvez seja o que de mais palpitante tenha lido nos últimos tempos. Material completo para um filme. Elementos para uma peça de teatro. Composição de um grande e respeitável poema. Tanta coisa poderia ser desenvolvida através desse tema, fonte inesgotável contida em uma carta de irmão que procura levar à irmão na Alemanha, a fisionomia perfeita do local para onde se transportou com sua família e onde espera conhecer tantas coisas, para ampliar seus estudos no interminável livro da própria natureza.

Portanto, leitores amigos, a-

companhemos J. Ferreira da Silva, na leitura dessa carta que não é simplesmente uma carta, mas sim, documento, micro-filmagem do início de uma colonização vitoriosa e tenho certeza de que irão concordar comigo que a exatidão nos leva quase à perfeição da terceira dimensão. E deixemos a história falar:

«E sentou-se à mesa improvisada. Havia muito que fazer na roça. Mas o dia era longo e começara quente. Poderia bem roubar-lhe uma hora. À noite, estaria fatigado e, mesmo, era tormento escrever à luz de lamparina de azeite de peixe, à uma claridade tão frouxa que mal serviria para enxergar alguma coisa.

E começou: «Querida Rozina. Tu, certamente, ficarás alegre em saber que eu estou inteiramente satisfeito com a escolha que fiz do país que me servirá de segunda pátria e que me sinto feliz e alegre com a vida que escolhi».

O começo foi difícil. Sentimos, na própria carne, tudo quanto de mal há por aqui; houve momentos em que sentimos vontade de amaldiçoar o Brasil. Desde a nossa chegada no mato, em fins de agosto, até meados de novembro, só tivemos aborrecimentos e tempo chuvoso; por semanas inteiras não podíamos sair do nosso ranchinho; o mofo e a ferrugem estragavam as roupas e as ferramentas; o que foi semeado, apodreceria; o mato derubado não secava e o tempo das plantações começava a passar sem que pudessemos preparar o terreno. Teremos que deixar para fevereiro a maior parte das grandes plantações. Alemães que estão aqui no país, há mais de 20 anos, não

tinham idéia de terem passado uma temporada tão má. Nos últimos dias de outubro cresceu, a esse tempo chuvoso, uma enchente tão grande, como há muitos anos não acontecia. O nosso «Garcia» subiu além de 20 pés acima do nível normal. Na minha colonia, que começa a se elevar já da margem do ribeirão, não houve danos maiores. No lote do Augusto, uma grande parte do mato derrubado, que aqui se chama roça, ficou debaixo d'água. Esta, ao baixar, deixou tudo coberto de lama, de sorte que as folhas e galhos não podiam mais ser requeimados e, conseqüentemente, foi preciso limpar todo o trecho com dispendio de tempo e trabalho. Muito pior, porém sucedeu a outros colonos, que moram para diante dos nossos lotes e que haviam construído os seus ranchos em lugares baixos. Alguns desses ranchos ficaram completamente debaixo d'água, muitos objetos se perderam e, além disso, os caminhos inundados não deram mais passagem e nem se podia descer o ribeirão de canoa, devido à forte correnteza, o que obrigou muita gente a passar fome.

Depois desse tempo chuvoso, veio um calor medonho; pelos fins de novembro, muitas vezes o termometro alcançou 29º R. à sombra. E, em dias tão quentes, nós tínhamos que derrubar mato. Suamos como nunca na vida havíamos suado. Quando, certo dia, eu e S. derrubavamos uma grossa magnólia, o suor corria-nos, como rio pelo corpo abaixo. Esse calor desanimava-nos mais que o tempo chuvoso, e temíamos nem poder mais trabalhar quando chegassem os meses de janeiro e fevereiro, que são muito mais quentes. Felizmente, isso não aconteceu. O tempo refrescou.

Nessa época de calor, tivemos também algumas tempestades que, para muitos de nós, europeus, eram medonhas de violencia. Relampagos sobre relampagos, raios sobre raios e um verdadeiro dilúvio de chuva; as palmeiras próximas dobravam-se ao vendaval, como caniços e os galhos quebrados estalavam na mataria. Além das chuvas e do grande calor, tivemos ainda outra praga que também no dizer de antigos moradores, foi coisa que nunca se vira antes, a dos insetos. Quando, após o tempo chuvoso, veio o calor, surgiram verdadeiros enxames de pernilongos, parecidos com os da Alemanha. É só entrar-se no mato e cai sobre a gente uma nuvem negra de insetos. Se se ficar por um momento quieto, o rosto, braços, mãos e pernas ficam coberto de picadas. Mais de uma vez, eles correram conosco do trabalho para casa. A coitadinha da nossa Ana estava tão cheia de pintas vermelhas, que parecia estar com sarampo. Agora, esses pernilongos começaram a desaparecer.

Em virtude disso tudo, houve também uma grande alta no custo dos generos de primeira necessidade, como na farinha, que aqui substitui o pão, e na carne seca. Esta última, havia muito estava em falta e afinal tivemos que nos contentar com uma mercadoria ordinaria, mal cheirosa, mais pele e nervos do que carne, por 6 vinténs o quilo. Um sacco de batatas que nem sempre se encontrava - custava 2 mil réis (1 thaler e 20 silbergroschen). O sacco de farinha custa agora 11 patacas. (2 thalers e 28 silbergroschen); o sacco de feijão 8 a 10 mil réis.

Os perigos que aqui nos

ameaçam, de quando em quando, nos fornecem exemplos que nos tornam mais prudentes e cuidadosos. Um dos nossos colonos, um amável rapaz de 20 anos, geralmente muito estimado, afogou-se, a 21 de dezembro, no Itajaí. Com o sogro e dois outros alemães, ele foi de canoa até um morador próximo, e, dali, seguiu sozinho para ir buscar uma carta que chegara da Alemanha. Depois de longa e inútil espera pela volta, viram os seus companheiros a canoa que boiava vazia; ele tinha caído e se afogara. Entretanto, fora um dos melhores canoeiros entre os alemães. Uma embarcação, tão leve como as nossas canoas, de pouco mais de dois palmos de boca, vira facilmente e ainda mais facilmente pode-se perder o equilíbrio quando se rema de pé. Por isso, aqui, o nadar é uma arte necessária. Minha mulher terá ainda que aprende-la.

Pouco depois, fomos surpreendidos por outro acontecimento. Os bugres (como aqui os indígenas são chamados) assaltaram o acampamento do Dr. Blumenau, na Velha, distante, de nós nem meia hora. Eles, naturalmente, notaram que, por duas vezes pela manhã, uma canoa, com homens havia saído (rio abaixo, navega-se no meio do rio para aproveitar a correnteza) mas não os viram quando regressaram, bem junto á margem. Ao meio dia, também não viram ninguém, estando, justamente, os dois arrendatários do terreno limpando e pondo em ordem as suas espingardas. Pensaram, assim, que a casa estivesse vazia. Quando, por volta das 3 horas, o arrendatário Schramm, saiu de casa viu cinco vultos bronzeados, nus, armados de arcos e flechas, que vinham em direção á casa, saindo

de uma roça de mandioca dum morro próximo. Um sexto permaneceu mais atrás, nesse morro. O arrendatário deu alguns passos em direção a eles e depois depositou a arma no chão e acenou-lhes com um ramo verde, para que eles pudessem chegar pacificamente e sem armas. Pareceu que eles conferenciavam entre si, mas, a uma ordem do cacique, soltaram um medonho brado de guerra e partiram em direção ao arrendatário, batendo com as mãos nas coxas, o outro arrendatário, Toepel, atraído pelo barulho e pelos chamados de Schramm, deu um tiro para o ar para assustá-los; eles hesitaram um momento, para em seguida continuarem em direção á casa. Schramm e Toepel entraram em casa e mandaram a mulher do primeiro, com um acompanhante, ao Garcia, não só para deixar a mulher em segurança, como para buscar socorro. Os dois arrendatários esconderam-se em outro rancho próximo. Os bugres aproximaram-se com gritos ameaçadores, atiraram flechas, entraram nos quartos e começaram a pilhagem. juntaram, nos pátios, uns sacos que por ali havia e alguns bugres entraram no quarto do Dr. Blumenau (que estava em viagem, no Desterro) e Schramm ouviu quando eles estavam arrombando o armário. Um bugre, que também se dispunha a entrar no quarto, notou a presença de Schramm na janela do sótão do rancho próximo, mas, nesse exato momento, recebeu um tiro no lado. Soltando um grande grito, ele jogou fora a sua arma e fugiu; os outros, também abandonando as armas, foram-lhe atrás. E ao correrem, davam pulos da esquerda para a direita, e desta para aquela, com medo dos tiros, mas, apesar disso parece

que um foi, ainda, gravemente atingido nas costas. Ainda ouviam-se os seus gritos, vindos de dentro da mata. No outro dia, foi encontrado o que recebera o primeiro tiro. Vi a cabeça. Não era feio; ainda que o nariz e os lábios fossem bem grossos, era mais bonito do que muitos caboclos e muito mais ainda do que os negros. Os cabelos pretos e lisos eram raspados no alto da cabeça e aparados ao redor da desta. Os olhos eram castanhos e quase não tinha barba. No lábio, ele trazia um botoque, isto é, uma cavilha de pinho. As flechas eram meio mal feitas, de taquara, com ponta de madeira, com 6 ou 10 reentrâncias em forma de dentes e com algumas penas de jacu na outra extremidade. Entre as 8 flechas encontradas, uma tinha ponta de ferro.

Naturalmente, após o assalto dos bugres, as armas passaram por uma revisão e foram postas à mão, devidamente carregadas e, nos primeiros dias, não caía, nem mesmo uma folha de palmeira no mato, sem que se ficasse na expectativa de ver surgir um bugre de trás de alguma moita. (Naturalmente, uma folha de palmeira, de 10 pés de comprimento, faz mais barulho ao cair do que uma folha de tília alemã). De noite, os bugres não fazem os seus assaltos e, durante o dia, um homem só com a sua arma de fogo, não precisa temer número maior de bugres.

Assim, se muitos de nós tiveram que passar por duras provas, nos primeiros tempos e ver nisso motivo para amaldiçoar esta bela terra, basta uma vista aos alemães estabelecidos rio abaixo, para se ganhar novo animo.

Se uma família, há quatro anos começou com nada, uma família, naturalmente, bastante disposta ao trabalho, e se essa família, agora, em um só ano, fez açúcar para mais ou menos 1.000 táleres e, além disso, tem fartura em gado e verduras, e quando a gente ve como crescem ligeiro os cafeeiros e as árvores frutíferas, e se admira as maravilhosas plantações de bananas e laranjas, então a gente tem que se render à evidencia e convencer-se de que, com saúde e com constante atividade, chega-se a uma vida satisfeita e alegre e a transformar o caos de troncos e galhos, meio queimados que agora rodeia o nosso rancho, num pequeno paraíso.

Tu, naturalmente, te perguntarás a ti mesma, (continua a carta de Fritz) como é que se pode, numa casa tão miserável e num trabalho tão desagradável e pesado, sentir-se feliz. Mas, conheces tú este pedacinho de terra que agora se pode alcançar com a vista, no seu atual estado, comparado com o que era, há poucos meses atrás, onde eu, em meio ao mato fechado, escolhi um local para construir o rancho e através cerrada capoeira, por caminhos quase intransitáveis ia buscar água, pudesses tu fazer uma idéia disso aqui, como era e agora é, e ainda dizer-te a ti mesma: "Agradece tudo isso ao teu próprio trabalho!"

Mais algumas preciosas descrições. Outras lamentações como aquela em que assim se expressa: "Várias vezes vieram me buscar para visitar doentes, rio abaixo, pois em todo o Itajaí não há um médico". Também momentos felizes são transmitidos à irmã: "No ano novo, nós, assim como o

Augusto e sua mulher, estivemos no acampamento do Dr. Blumenau, na Velha, onde fomos tomar uma xícara de chocolate. Ao encerrar a carta, escreve um episódio em que quase perdeu a vida, quando da derrubada de uma palmeira por seu irmão, esta ao tombar atinge de cheio sua cabeça, ferindo-o gravemente. E finalmente Fritz Müller largou a pena sobre a mesa e dá por encerrada a car-

ta por aquele dia.”

Diante de tanta grandeza, só nos resta agradecer a J. Ferreira da Silva, por nos ter trazido detalhes de uma vida extraordinária e que sem dúvida alguma não só engrandeceu a colonização do Vale do Itajaí, mas também mereceu destaque na história brasileira.

Brasília, agosto de 1972.

## A ESTRADA PARA ITAJAÍ

Uma Carta do Dr. Blumenau ao Presidente da Província

“Ilmo. e Exmo. sr.

Uma das maiores necessidades dos habitantes, não só desta Colonia, como do Rio Itajaí Açú em geral é a comunicação, se não boa, pelo menos regular com a barra e beira mar. Desde dez anos, tenho por diferentes vezes percorrido e explorado o respectivo terreno, para achar o melhor traço e representado a este respeito, mas infelizmente sem sucesso, que tenha satisfeito aquela necessidade. Existe hoje um caminho ou antes uma vereda na margem do sul deste rio, que com dificuldade se pode passar, mas tem o grandíssimo inconveniente, de que na parte inferior do rio é em grande parte um verdadeiro e em tempo chuvoso intransitável lamaçal, e ainda, que ali o mesmo rio duas vezes deve ser passado a nado, o que cansando excessivamente o gado e os cavalos, já em tempo e nível da água regular, torna-se perigoso, e até impossível, quando for algum tanto cheio e agitado, não digo por vento forte, mas só pela regular viração.

Devendo pois com boa razão, o caminho existente inteiramente ficar na dita margem do sul, encontram-se, porém na beira da parte inferior do rio muitos terrenos pantanosos, baixos, e mesmo expostos ao roer da corrente no único possível traço, que ali existe, e encontram-se mais oito ribeirões e riachos, que carecem de pontes e grandes boeiros o que tudo há de tornar muito difícil e dispendiosa a fatura do mesmo em esta direção. Sobretudo a indispensável ponte do ribeirão da Murta havia de causar improporcional despesa, visto que devia ter 120 palmos de comprimento e tres estacadas, e que, tendo o mesmo ribeirão de 13 a 18 palmos d'água, segundo a maré, e leito de vasa sem fundo, as estacas não poderiam ter comprimento menor de 38 a 40 palmos, deveriam ser encravadas 20 a 22 palmos com macaco e revestidas de cobre contra o gusano. A ponte não podia ser construída, sólida e duravelmente por menos de 1:600\$000 a 2 contos ou havia de custar ainda mais.

Procurei, pois, outra direção, que afastando-se da beira do rio e passando por dentro, evita a maior parte das dificuldades da outra, carece só de boeiros e pontilhões, que se podem fazer sem assistencia de carpinteiros e tendo ainda a vantagem de considerável encurtamento,

o qual é de mais de uma légua e de se ligar a um caminho já sofrivelmente transitável no comprimento de 2.000 braças.

Atento à suma importancia deste assunto e aproveitando o atual tempo seco, mandei levantar a planta deste traço que no meu ver e segundo a opinião dos moradores vizinhos é o melhor ou único que se pode achar e tenho a honra de apresentá-la anexa a V. Excia. com as seguintes observações:

O comprimento do caminho a fazer em esta localidade é de 3.047 braças correntes que se dividem em:

- a) 1806 braças de terreno plano e enxuto;
- b) 318 ditas de dito pouco inclinado, em que se deverão cortar de um a tres palmos de terra para estabelecer o plano do caminho;
- c) 307 ditas de terreno plano, mas um pouco úmido em que se carece de valetas de 2 a 3 palmos de profundidade para estabelecer um leito enchuto para a estrada;
- d) 308 ditas de dito em que as valetas deverão ter de 3 a 5 palmos de profundidade para alcançar o mesmo fim;
- e) 308 ditas de terrenos baixos e em parte encharcados em que em parte se carecerá de estivados e de valetas de seis palmos de profundidade e de algumas valas d'egoto para as águas estagnadas, digo estagnantes;
- f) cinco regatozinhos encharcados e extagnantes que devem ser desentupidos e carecem de pequenos boeiros ou pontilhões de madeiras ou troncos;
- g) 3 ditas de ditos um pouco maiores, idem, idem, e
- h) 211 braças de mato, que deve ser descortinado na largura de 10 braças, sobretudo nas partes baixas e úmidas.

Orço a despesa deste caminho da maneira seguinte:

ad a) - 1806 braças de caminho de 10 a 12 palmos de largura a 200 rs.	361\$200
ad b) - 318 ditas idem a 280 rs.	89\$040
ad c) - 307 ditas, com 20 palmos de largura com valetas a 1\$500	460\$500
ad d) - 308 ditas, idem, idem a 1\$800	554\$400
ad e) - 308 ditas idem, idem e em parte com estivados a 2\$000	616\$000
ad f) - 5 regatos, desentupir, valas d'egoto, boeiros ou pontilhões a 40\$000	200\$000
ad g) - 3 ditos maiores, idem, idem a 55\$000	165\$000
ad h) - 211 braças de mato, descortinamento na largura de 10 braças a rs.160	337\$760
	<b>Rs. 2.783\$900</b>

Acredito que em estes Algarismos se poderá fazer uma economia bastante considerável, se se realizar, o que com boa razão pressuponho, e vem a ser que, dando-se esgoto aos regatosinhos estagnantes, desentupindo-os e abrindo algumas valas e descortinando-se o mato nas partes úmidas, as terras encharcadas e moles, em grande parte hão de secar e consolinar-se. Em tal caso o trabalho será muito mais fácil e menos dispendioso e, além disto os moradores vizinhos, que se interessam muito pelo caminho em questão, hão de ajudar, como não duvido.

Ouso portanto rogar V. Excia, queira autorizar-me para proceder desde já a estes trabalhos preliminares e fatura dos boeiros ou pontilhões, e acabar estes trabalhos com toda brevidade para aproveitar o atual tempo, extraordinariamente seco e a baixa das águas, que no mes seguinte provavelmente hão de ser mudados pelas trovoadas de verão.

Deus guarde V. Excia.

Colonia Blumenau, 9 de novembro de 1863.

Ilmo. Exmo. sr.

Pedro Leitão da Cunha

Dmo. Presidente da Província

O Diretor

Dr. H. Blumenau

(Original arquivado no Dep. de Geografia e Cartografia do Estado, em Florianópolis)

# Electro Aço

# Altona S.A.

Rua Eng<sup>o</sup>. Paul Werner, 925 - Fones: 22-0422 e 22-0738  
Caixa Postal, 30 — Telegrs.: "ELAÇO"

BLUMENAU

Fundição Elétrica de Aços Comuns e Especiais Para:

Indústrias Automobilísticas

Fábricas de Cimento

Companhias de Dragagem

Fábricas de Máquinas

Equipamentos de Britagem,  
de Terraplenagem,

Reposição e de Manutenção.

Batalhões Rodo-Ferrovíarios

Fábrica de Tratores

DESDE 1933

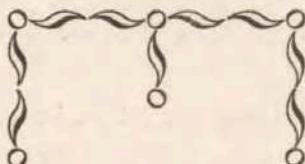
A PROCEDÊNCIA GARANTE A QUALIDADE

# CREMER S. A.

---

## Produtos Têxteis e Cirúrgicos

BLUMENAU - Rua Iguaçu, 291/362 - Santa Catarina  
Caixa Postal, 953 - Fone 22-1066



Gazes e Ataduras Medicinais

Ataduras Gessadas

Algodão Hidrófilo

Fraldas para bêbes

Faixas Higiênicas para senhora

Artigos de Primeira Qualidade.